

NOTAS SOBRE A EDUCAÇÃO A PARTIR DE NIETZSCHE E ADORNO¹

Maria dos Remédios de BRITO
Professora da Universidade Federal do Pará
Simone Hedwig HASSE
Professora da Universidade do Contestado

Resumo: *Ciência e Tecnologia, entendidas durante muito tempo como expressões da racionalidade, produzem contraditoriamente efeitos irracionais e perversos. No entanto, sempre atrelado à justificativa do progresso e à melhoria das condições de vida, o discurso científico acaba por ocultar consequências negativas do desenvolvimento tecnológico, minimizando também a necessidade de reflexão crítica. Para Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969), há sombras nas promessas iluministas e, em suas obras, já se delineia a crítica ao racionalismo. Ambas reconhecem, embora em períodos com diferenças histórico-culturais, a necessidade de revisão do conceito de racionalidade e de reflexão sobre a crise da cultura e da educação. A Alemanha do século XIX ou a Alemanha contemporânea estavam influenciadas a tipos educativos e culturais ligados às necessidades do Estado e enrijecidas por uma formação decedente a serviço do tecnicismo, do comércio e da burguesia. Nietzsche denuncia a cultura e a educação filistina que estavam ligadas efetivamente aos interesses do lucro, caindo num estreito degrau de empobrecimento humano, pois o incentivo da educação profissionalizante e técnica diminuía a formação para a construção de um indivíduo senhor de si mesmo. Adorno relata contra a crença na ciência e na técnica*

¹ Este texto, em versão modificada, foi apresentado no colóquio Nacional "Tecnologia, cultura e formação ... ainda Adorno?", 13 a 17 de maio de 2002, em Praxelaba/UNIMEP.

como condições da emancipação social, pois sabe que o progresso se paga com o desaparecimento do sujeito autônomo, docilizado tanto pela sociedade industrial totalmente administrada, como pelas extremas regressões à barbárie representadas pelos Estados totalitários. Num momento em que Ciência e Tecnologia se apresentam como passaportes para um mundo “moderno” e a razão revela-se a serviço da destruição, da alienação humana, do aniquilamento da individualidade, cabe importante papel à reflexão sobre a educação. Tentamos, assim, a partir da crítica a razão técnica e a massificação da cultura refletir a respeito das premissas de Nietzsche e Adorno sobre a educação. Nossa pretensão não é unificar o pensamento destes autores e nem mesmo analisar a influência de Nietzsche sobre Adorno, mas a partir da percepção destes filósofos sobre a realidade social, sob diagnósticos, concepções e propostas, compreender a atualidade e observar as possibilidades para pensar a educação. Tivemos como norte principal as leituras dos textos “Schopenhauer como Educador” e Crepúsculo dos Ídolos”, ambos escritos por Nietzsche, em 1874 e 1888, bem como os escritos de Adorno, “Educação após Auschwitz” e “Educação – para quê?”, ambas conferências proferidas no Rádio de Hesse em 1965 e 1966, e os textos “O que significa a elaboração do passado?” e “Tabus a respeito do professor”, conferências de 1959 e 1965.

Permeia a escrita de Nietzsche e Adorno o fato da humanidade não viver entre fârois e asilos e sim,

Sob as Sombras das Promessas Iluministas

Nietzsche, em *Schopenhauer como Educador*, denuncia que:

Nunca o mundo foi mais mundo, nunca foi mais pobre em amor e bondade. As classes eruditas não são mais fârois ou asilos, em meio a toda essa intransigência da mundanização; elas mesmas se tornam dia a dia intransigíveis, mais desprovidas de pensamento e de amor. Tudo está a serviço da barbárie que

vem vindo, inclusive a arte e a ciência de agora. O homem culto degenerou no pior inimigo da cultura! (1999, p. 293).

Nietzsche rompe com a ilusão de que as aptidões espirituais e materiais da sociedade industrial sejam incomensuravelmente maiores do que em outras épocas, revelando a sociedade industrial como irracional e o Estado como impulsionador de uma cultura decadente. Decadência entendida como aquilo que escraviza o pensamento, o sentimento, a força, afirmando uma vontade de fim, o declínio, vida empobrecida, um grande cansaço, diminuindo a capacidade criadora do humano. Ao estabelecer a técnica como influenciada pela razão instrumental, empobrecedora das manifestações vitais do homem como ser criativo, artística, cultural e educacional, Nietzsche entende a razão como instrumento de dominação, questionando o real sentido da racionalidade como possibilitadora de conhecimento, verdades e certezas. Sua crítica à racionalidade toma contorno na própria crítica antropológica, visto que o homem não é medida de todas as coisas, nem um fim em si mesmo. Sua racionalidade, consciência, não é o lugar do puro espírito, detentor das verdades puras. Ao contrário, pode se manifestar como ilusão, aparência, e isso para Nietzsche, de certa forma, é salutar para que o homem conserve uma certa leveza, autonomia e saúde. Em Nietzsche a noção de ciência e técnica, envolvida pela idéia de progresso moderno, revela uma espécie de negação do indivíduo. Adorno pensa a negatividade contida na idéia de progresso, visto que a racionalidade técnica pode fomentar práticas nazistas e fascistas, a ditadura da produção, fazendo vigorar a fetichização dos objetos, o isolamento entre indivíduos, o jugo da máquina sobre o homem, o trabalho e o lazer alienados. Adorno denuncia a idéia de uma temporalidade linear, homogênea e única, uma linha progressiva da barbárie à civilização, conduzida pelo progresso científico-tecnológico. É na sociedade industrial – que altera o modo de produção e a forma do trabalho humano – que um tipo específico de indústria – a cultural – e de cultura – a de massa – se instauram, uma e outra regida pelos princípios da produção econômica em geral. A cultura

² Para as citações de *Selbstwert als Erbschaft*, se utiliza a verificação de duas traduções, uma da coleção "Os Pensadores" feita por Roberto Rodrigues Torres Filho e, quando necessário, consulta-se a tradução integral feita por Neeli Correira de Melo Sobrinho (NIETZSCHE, Friedrich. *Cartas sobre Educação*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, Ed. Puello, 2003).

feita em série e/ou industrialmente, para um grande número de pessoas, é vista por Adorno não como instrumento de crítica e conhecimento, mas como reprodução da desigualdade e da escravidão, a perda do pensamento e do amor. Nietzsche e Adorno se aproximam, apesar do tempo que os separa, ao enfatizarem que a massificação da cultura não significa a democratização da produção simbólica. Ao contrário, significa uma cultura homogênea e padronizadora; a da semi- formação, conforme Adorno. É a experiência da pobreza e a pobreza da experiência em que o imprevisível e o diferente, cada vez mais, são recusados, tornando-se completamente “administrados”. Há a necessidade de recuperação da razão e nesse processo há a necessidade de olhar para o indivíduo, reivindicando a autonomia.

Um Governar a Si Mesmo... Um Homem Emancipado...

Ninguém, segundo Nietzsche,

pode construir a ponte sobre a qual você deve atravessar o rio da vida, ninguém sendo você mesma. Existem, sim, uma infinidade de caminhos e pontes que o levariam além do rio; mas só quem paga o preço é você mesma, você se daria em garantia e se perderia. No mundo só existe um único caminho que ninguém, a não ser você, pode percorrer (1999, p. 280).

Mesmo conhecedor de que a cultura e a educação não possibilitam o gênio, o homem forte, criativo e senhor de si, há em Nietzsche um apelo ao resgate do indivíduo. Por mais fortes que sejam as correntezas do rio da vida, por mais presente que seja a possibilidade de nos afogarmos nessas águas, ainda assim há a possibilidade de nadar contra a correnteza. Esse esforço constante, travado dia-a-dia, faz com que se pense a reflexão de Nietzsche como um feixe de luz, que pode transparecer fosco no horizonte, mas torna o homem responsável, co-autor de sua história... “só quem paga o preço é você mesma, você se daria em garantia e se perderia” (1999, p. 280). O filósofo, assim, convida o homem a triunfar sobre a natureza que lhe é imposta, que lhe é inculcada, a romper com o sistema de valores que por ser criação do próprio homem nada tem de transcendente, eterno e verdadeiro, pode ser modificado. Assim, Nietzsche remete a um novo tipo de homem, ao desejo para a construção do homem aristocrata, guiado pela “vontade

de querer², pela força ativa. O aristocrata é aquele que está desprendido de todos os produtos de uma cultura decadente. A moral do homem forte é a moral oposta à do escravo e a do rebanho. Esse homem forte busca ser senhor de si mesmo, dispõe de sua pessoa, não um servidor e nem um senhor de servos, é afirmador e construtor de valores. Para que o homem saia da condição de rebanho, é fundamental que ele ouse ser ele mesmo. O homem senhor de si deve cultivar o *pathos de distância*,³ a ousadia de criar, para não ser sufocado pelo rebanho e nem tão pouco ser levado pela moral da compaixão, da piedade, da doçura cristã. Quanto a Adorno, o resgate do indivíduo se faz pela busca do homem emancipado, autônomo. O homem emancipado é aquele, conforme propunha Immanuel Kant, que consegue abandonar seu estado de menoridade através do uso da razão esclarecida. Emancipação, então, significa fazer uso da própria palavra, a aptidão para se servir de seu próprio entendimento. “De certo modo, pois, emancipação se aproxima de conscientização, racionalidade” (Adorno, 1995, p. 143). É preciso se opor ao antiindividualismo autoritário. Tal exigência, no entanto, está longe de ser uma busca pelo individualismo inconseqüente e pelo menosprezo das normas sociais, o que impediria a convivência entre os homens. Adorno nos mostra que o homem deve estar disposto a conhecer, a procurar o sentido das coisas, libertando-se das amarras da sociedade industrial: o homem não conformado com a existência dessa sociedade, onde vicejam instituições que impõem pensamentos e ações, procura romper com os laços massificadores. Assim, Nietzsche e Adorno demonstram em seus escritos uma preocupação com o caráter do ser humano, ou seja, com o cultivo de uma personalidade autêntica, com o pensamento autônomo. Há nesses filósofos a necessidade de resgatar a capacidade do homem de arriscar, agir, pensar, sentir, ser senhor de sua construção. Porém, numa sociedade reconhecida como sociedade de consumo, onde tudo passa a ser tomado segundo o valor de troca, onde tudo é produto que pode ser consumido como se consome qualquer outra coisa, onde até o indivíduo é intercambiável, dispensável, faz-se urgente a crítica, pois o indivíduo que, acreditando estar usufruindo um estilo de vida “libertário”, ao nutrir-se da uniformidade comportamental, está abdicando mais e mais de sua capacidade de conduzir-se com autonomia. Neste sentido, conforme

² Sobre essa questão, vale consultar sua obra *Essa a posição da Moral*.

Adorno, em *Educação – para quê?*, “Uma educação sem indivíduos é opressiva, repressiva. Mas quando procuramos cultivar indivíduos da mesma maneira que cultivamos plantas que regamos com água, então isto tem algo de quimérico e de ideológico” (1995, p. 154). É preciso, então, questionar:

Educação Para Quê?

Nietzsche fez uma crítica radical à educação e à cultura filistéia, uma vez que construíam uma espécie de barreira para o surgimento de homens aristocratas, de espírito livre, forte, dono de si. Este homem aristocrata se desdobra, cria, recria, afasta-se e reelabora-se, podendo se conduzir. Para Nietzsche,

Por mais que o Estado enfatize o que faz de meritório pela cultura, ele a promove para se promover e não conhece nenhum ato que seja superior ao seu bem e à sua existência. O que os negociantes querem, quando exigem incessantemente instrução e cultura, é sempre, no final das contas lucro (1999, p. 294).

O autor via na educação do seu tempo um estado de decadência, que pouco contribuía para o cultivo de um espírito nobre, pois o Estado e a pouca seriedade da política alemã devoravam todas as coisas verdadeiramente espirituais. Para ele, na Alemanha não havia filósofos, mas sim operários da filosofia, não havia poetas, escritores nem músicos verdadeiros, comprometidos com suas crenças e necessidades, que levassem as suas artes para o desenvolvimento crítico. Para Nietzsche, o homem alemão parecia estar narcotizado, chegando a ponto de não perceber o instinto de auto-conservação do espírito e a própria superficialidade da educação e da cultura. Mesmo entre os doutos havia um espírito acomodado e pequeno. Denunciava o tipo educativo da Alemanha como sendo a-crítico, livresco, enciclopédico e descontextualizado das experiências dos educandos. Esse tipo educativo só contribui para a formação de pseudo-homens. A educação alemã tinha muito mais preocupação em profissionalizar, usando uma espécie de tecnificação para que os educandos fossem preparados para atender às necessidades do Estado. Nietzsche e Adorno se aproximam ao se colocarem contra a instrumentalização técnica da educação. A racionalidade técnica, que se efetiva na Alemanha de Nietzsche e

Adorno, tende a diminuir os horizontes para uma cultura emancipada, o que não significa ser contra o aparato técnico, de forma que seja possível atenuar o doloroso esforço proveniente da vida em sociedade, mas que é ingênuo e extremamente perigoso considerar que a massificação da cultura e da educação propicie a formação, a *Bildung*, como nos diz Adorno. Para Nietzsche, é necessário que a geração se eduque contra o seu tempo, já que os valores da sociedade pretendiam aniquilar a dimensão do homem superior. Educar contra o seu tempo é não aceitar os valores, a moral e a cultura impostos pelo Estado, pelo comércio. Para isso, é necessário que o homem construa uma nova natureza, novos hábitos, e se distancie da cultura e da educação artificial. Nesse sentido, o indivíduo deve travar uma guerra, uma espécie de combate consigo mesmo, para buscar sua afirmação. Educar contra o seu tempo é, de certa forma, educar contra os valores estabelecidos, dados, fechados e utilitários. Para tanto, seria necessário que o próprio indivíduo pudesse rever o seu espaço social e a si mesmo como alguém inserido nele.

Se todo grande homem chega a ser considerado, acima de tudo, precisamente o filho autêntico de seu tempo e, em todo caso, sofre de todas as mazelas com mais força e mais sensibilidade do que todos os homens menores, então o combate de um grande contra o seu tempo é, ao que parece, apenas um combate sem sentido e destrutivo contra si mesmo. Mas, justamente, apenas ao que parece: pois o que ele combate em seu tempo é aquilo que o impede de ser grande, e isto para ele significa apenas: ser livre e inteiramente ele mesmo. Disto se segue que sua hostilidade, no fundo, está dirigida precisamente contra aquilo que, por certo, está nele mesmo, mas não é propriamente ele mesmo, ou seja, impura mescla e aproximação do incompatível e do eternamente inconciliável, contra a falsa solda do contemporâneo com sua extemporaneidade; e, afinal, o suposto filho do tempo se mostra apenas como seu estado (Nietzsche, 1999, p. 291).

Para Adorno, cabe à educação a exigência de que "Auschwitz não se repita" (1995, p. 119). Todo esforço educacional deve estar direcionado para se opor à barbárie, pois esta é iminente. Sua ameaça persistirá enquanto não forem eliminadas as condições que possibilitam sua

existência. Mas, diante das dificuldades em se modificar as condições objetivas da barbárie e por acreditar que estas escapam à ação da educação, Adorno enfatiza a dimensão psicológica. A educação, assim, assume o sentido de uma auto-reflexão crítica, pois, embora a imanência da barbárie seja "uma questão social e não psicológica" (1995, p. 123), para Adorno, as tentativas de se contrapor a mesma estão em cada ser humano, no homem que tem autonomia, autodeterminação, o homem que faz uso da razão esclarecida. À educação não cabe apenas ensinar a pensar, mas faz-se indispensável aprender a pensar sobre o que se pensa e sobre o que se faz. Esta auto-reflexão crítica se articula dialeticamente com as ações que cada indivíduo deve ou deverá ter, é o despertar da consciência dos homens para a ausência de formação, contra o mimetismo social, que anula o sujeito, diluindo suas motivações próprias em favor dos interesses do coletivo. Adorno, ao defender que o "único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não-participação" (1995, p. 125), tem a educação como esclarecimento. Mas, para a educação, combater o retorno do horror significa assumir como objetivo a "produção de uma consciência verdadeira" (1995, p. 141), que não significa apenas a "capacidade formal de pensar" (1995, p. 151), mas entendendo-a como "o pensar em relação à realidade, ao conteúdo" (1995, p. 151). Consciência, então, é entendida como emancipação e racionalidade. A realidade, adverte Adorno, "sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação" (1995, p. 143). Nesse sentido, a educação para o esclarecimento, para a emancipação ou para a autonomia tem dois momentos: o da adaptação, ou seja, da preparação e orientação dos indivíduos para a vida, e o momento de distanciamento da realidade, o estranhamento para com a realidade. Este é o momento da resistência, em que prevalece a defesa contra o conformismo e a uniformização do mundo administrado. Ao fazer referência à educação contra a barbárie, Adorno considera o fato de a primeira infância merecer atenção especial por ser o momento em que se constituem os traços duradouros do caráter. A educação, especialmente, a educação infantil, deve abandonar o modelo de disciplina através da dureza, o culto à disciplina, à força, à competição. Ao considerar a barbárie uma regressão à violência física, Adorno aspira que as pessoas tenham a necessidade de aversão a tal violência. Quanto à disciplina, Adorno lembra ainda que "O elogio objetivo de 'ser

duro' de uma tal educação significa a indiferença contra a dor em geral" (1995, p. 128) e esta indiferença à dor acaba por premiar a dor e a capacidade de suportá-la, tornando a tortura algo banal. Uma educação infantil que estimula a autonomia não contradiz necessariamente a noção de autoridade, portanto, a autonomia não se reduz a um mero protesto ou revolta contra a autoridade. Assim, a educação para Nietzsche e Adorno se ergue como reflexão em nome de um ser humano concebido como criador, crítico e livre, que precisa ser pensado além da coisificação. Para tanto, faz-se necessário pensar a educação sem esquecer, principalmente,

Da Formação Docente...

Para Nietzsche, são necessárias algumas modificações no âmbito educacional, inclusive no que diz respeito à formação dos professores.

Em primeiro, a partir de agora, para não perder meu jeito afirmativo, este jeito que só tem a ver mediada e involuntariamente com a contradição e a crítica às três tarefas em virtudes das quais se precisa de educadores. Tem-se de aprender a ver, tem-se de aprender a pensar, tem-se de aprender a falar e escrever: o alicerce em todas as três é uma cultura nobre. – Aprender a ver: acostumar os olhos à quietude, à paciência, a guardar atentamente as coisas; proteger o juízo, aprender a circunscrever e envolver o caso singular por todas as partes. Esta é a primeira preparação para a espiritualidade: não reagir imediatamente a um estímulo, mas saber acolher os instintos que entram e isolam. Aprender a ver, assim como em o entendendo, é quase isso que o modo de falar não-filosófico chama de a vontade forte: o essencial nisso é precisamente o fato de poder não “querer”, de poder suspender a decisão. Toda ação sem espiritualidade, bem como toda vulgaridade repouza sobre a incapacidade de sustentar uma oposição a um estímulo – o “precisa-se reagir” segue-se a cada impulso. Em muitos casos, uma tal necessidade já é prova de um caráter doente, de decadência (...). Aprender a pensar: não se tem mais em nossas escolas nenhuma noção do que isso significa. Mesmo nas universidades, até mesmo entre os eruditos da filosofia começa a se extinguir a lógica enquanto

trouxa, enquanto prática e enquanto ofício (...). Quem ainda conhece por experiência dentre os alemães aquele sutil arripio, que faz transbordar em todos os viscosos os pés leves das coisas espirituais – O apartalhamento inflexível dos gestos espirituais, a mão pesada no manusear – isto é alemão a um tal ponto que, no estrangeira, se o confunde com a essência alemã em geral. O alemão não tem dedos às nuanças (...) – Em verdade, não se pode subtrair da educação nobre a dança em todas as suas formas: poder dançar com os pés, com os conceitos, com as palavras; em diria ainda que também se precisa poder dançar com a pena – Que é preciso aprender a escrever?⁴

O autor diz que seria viável a compreensão de algumas virtudes para o educador, como: aprender a ver, aprender a pensar, aprender a falar, aprender a escrever. Essas virtudes levam a uma cultura aristocrática. Além disso, para ele era fundamental que o educador pudesse habituar os olhos à calma, à paciência, para deixar que as coisas se aproximassem dele, aprender a adiar o juízo, a rodear para poder abarcar o caso particular a partir de todos os lados. Esse é o chamado ensino particular do espírito que faltava aos educadores e aos doutos. E, assim, Nietzsche chega a propor a necessidade dos próprios educadores educarem-se a si mesmos, podendo valer-se de espíritos superiores. À falta de uma formação de qualidade e sem essa formação, os educadores proporcionavam um adestramento brutal aos educandos, enquadrando-os para serem ágeis e manejáveis para a sociedade massificada. Não é só o saber que identifica uma cultura culta. Para formar homens cultos, são necessários educadores cultivados, pois é a partir deles que se tira proveito de uma personalidade vigorosa, e não de um tipo enciclopédico ou mesmo de um tipo semi-instruído. “No fundo o que me espanta é uma coisa totalmente diversa como a sociedade alemã, a paixão alemã pelas coisas do espírito vai declinando sempre mais”.⁵ A educação e a cultura ficaram, nesse sentido, submersas a superficialidade pedagógica, a falta de compromisso com a escrita, com a linguagem materna, com a formação de um modo geral. Adorno

⁴ Cf. *O que falta ao alemão*, 6 (Ver: Tradução de Marco Antonio Casa Nova, Belmiú Dumais e também a tradução espanhola de Andrés S. Pascual).

⁵ Cf. *O que falta ao alemão*, 3 (Ver: Tradução de Marco Antonio Casa Nova, Belmiú Dumais e também a tradução espanhola de Andrés S. Pascual).

também enfatiza a necessidade de educar os próprios educadores, fazendo-os refletir sobre sua atuação profissional e sua relação com o todo social. O papel do educador é conhecer a realidade, o passado e o presente, para que possa promover o esclarecimento, pois:

se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. Em sua configuração atual – e provavelmente há milênios – a sociedade não repousa em atração, em simpatia, como se supôs ideologicamente desde Aristóteles, mas na perseguição dos próprios interesses frente aos interesses de todos os demais (Adorno, 1995, p. 134).

Nos textos *O que significa a elaboração do passado?* e *Tabus a respeito do professor*, Adorno teve por intenção tornar visível algo encoberto, oculto, marginalizado pela cotidianidade: as condições objetivas da barbárie e as aversões e oposições em relação à profissão do magistério. Trata-se, conforme Adorno, em *O que significa a elaboração do passado?*, “de um perigo objetivo e que não se encontra primariamente nos homens” (1992, p. 28), portanto, manter a tensão entre o passado e o presente, por meio da arte de relembrar, representa uma vigorosa possibilidade de recuperar a memória individual e coletiva e, assim, a cultura e a história. Essa necessidade de reflexão e a elaboração do passado impõem a exigência de não sermos meros espectadores da história, o que, para Adorno, é indispensável ao processo de formação do profissional do magistério, por se tratar de uma reorientação em direção ao indivíduo, fortalecendo sua auto-consciência e, portanto, a si mesmo. Ao manter a tensão entre o passado e o presente, há a possibilidade de evitar a sedimentação de representações simplificadoras e injustas que nem sempre são evidentes, mas, pelo contrário, são dissimuladas e ocultadas por uma estrutura burocrática e hierarquizada, e evidenciar as condições objetivas da barbárie e, assim, compreender o que parece incompreensível. A partir desses diagnósticos, concepções e propostas de Nietzsche e Adorno, alguns desafios nos parecem iminentes,

Provocações Para a Educação...

Ao pensar um tipo formativo que contribua para o esclarecimento e, portanto, para o desenvolvimento de um homem capaz de pensar suas paixões e lidar com elas, tem-se um desafio para a escola "moderna" que, regida pelo princípio da eficácia e produtividade, se traduz em máxima atividade, evitando o ato de pensar. Isso mostra que o trabalho educativo é árduo e deve ser permanente. Quando Nietzsche e Adorno, em suas reflexões a respeito da cultura e da educação, evidenciam um certo quadro decadente, apontam a necessidade para aqueles que envolvidos num projeto humano se proponham a desaprender para se propor um novo alvo. Isso requer substituir os pensamentos fundamentais que regem o atual sistema educacional e cultural. Nas palavras de Nietzsche, "já é tempo de ter em vista essas oposições; pois alguma geração tem de começar o combate no qual uma geração posterior deverá vencer" (1999, p. 295). Certamente, cabe aos educadores atuais a exigência de se pensar um projeto de homem fora da massificação e da postura de rebanho.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. Educação – para quê? In: ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. O que significa a elaboração do passado? In: ADORNO, Theodor W. *Quatro textos filosóficos*. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. Publicação interna. São Carlos: UFSCar, 1992.

ADORNO, Theodor W. Tabus a respeito do professor. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. In: PUCCI, Bruno; RAMOS-de-OLIVEIRA, Newton; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis: Vozes, 2000. (Coleção Educação e Conhecimento).

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo*. Trad. Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo de los ídolos*. Trad. Andrés Sánchez Pascual. Madri: Alianza Editorial, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer como Educador*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Os Pensadores).

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre Educação*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Edições Loyola/Editora Puc/Rio, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.